

AS FUXIQUEIRAS NO MERCADO DO ARTESÃO NO MUNICÍPIO DE ALAGOINHAS-BA: MULHERES, LINHAS E RETALHOS INSUBMISSOS AO CAPITALISMO PATRIARCAL.

Laís Velloso Borges (Pós Crítica/UNEB)¹

Resumo: O fuxico teria surgido nos tempos coloniais, no nordeste brasileiro, pela necessidade que as escravas tinham em reaproveitar os retalhos dos tecidos das senhoras. A corte doava aos escravos as roupas velhas e as escravas cortavam os tecidos e faziam trouxinhas, usando como agulha pequenos pedaços de bambu ou espinhos de mandacaru. As escravas se reuniam, à noite, na Senzala para fazerem as trouxinhas, enquanto falavam das senhoras, por isso o nome "Fuxico". Suspeita-se que o artesanato das fuxiqueiras, desenvolvido no Mercado do Artesão alagoinhense, as oferta autonomia e que os processos e tramas construídos insurgem como atos insubmissos ao capital patriarcal. Desta forma, objetiva-se mapear quem são as mulheres fuxiqueiras no Mercado do Artesão alagoinhense e identificar as dobras do trabalho artesanal fuxiqueiro enquanto indícios de autonomia e insubmissão ao capital patriarcal. O percurso metodológico será a observação direta (*in loco*) nos quiosques do Mercado, a entrevista narrativa priorizando a fala das mulheres fuxiqueiras e a palavra dos representantes legais de Órgãos do nosso município vinculados ao tema. Intencionamos, assim, a natureza qualitativa da pesquisa. Espera-se como resultado a constatação sobre a autonomia do trabalho artesanal das mulheres fuxiqueiras no Mercado do Artesão, em Alagoinhas-BA, bem como a insubmissão ao capitalismo patriarcal forjada nas tramas do artesanato fuxiqueiro. Espera-se concluir que a realização desta pesquisa irá referenciar às mulheres fuxiqueiras e o fuxico, como instrumentos de insubmissão ao patriarcal capitalismo, além de instigar novos questionamentos a pesquisas futuras, dada às dobras e viéses ofertados pelo tema.

Palavras-chave: Mulheres fuxiqueiras. Trabalho artesanal. Feminismo

A inquietação pelo tema, As Fuxiqueiras no Mercado do Artesão no município de Alagoinhas-BA: Mulheres, Linhas e Retalhos Insubmissos ao Capitalismo Patriarcal, partiu, inicialmente, da audição de uma atividade Seminário, realizada por alunos do Terceiro Ano do Ensino Médio, de um Colégio Estadual em Alagoinhas, Bahia, dos quais sou professora de História, acerca da importância do trabalho artesanal, e suas implicações econômicas no município de Alagoinhas-BA, realizado no Mercado do Artesão, em especial o laborado pelas mulheres fuxiqueiras. Nesta atividade supra, encontraram-se informações acerca dos processos artesanais e das dificuldades diversas enfrentadas, cotidianamente, pelas fuxiqueiras. Surge, neste contexto, a ânsia por conhecer quem são estas mulheres fuxiqueiras, as características desta atividade e se existe a possibilidade dos processos construídos para a obtenção do fuxico (uma trouxinha confeccionada com retalho de tecido e linha), possuírem o traço da insubmissão ao capitalismo patriarcal

Soma-se ao conhecimento desses depoimentos, o aprofundamento das leituras acadêmicas sobre os diversos ofícios e relevância das mulheres negras artesãs, através das aulas da disciplina Literatura da Cultura Afrobrasileira e Africana, das quais participei como aluna especial no Programa

¹Licenciada em História (UNEB), Pós-Graduada em Educação Especial e Inclusiva (Cândido Mendes), Bacharel em Direito (UNEB), Pós-Graduada em Direito Público (UNEB), Mestrando do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural na Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB, Campus II – Alagoinhas-BA), na Linha de Pesquisa: Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientadora: Professora Dr^a Jailma Pedreira. Endereço eletrônico: laiveloso@hotmail.com

de Pós-Graduação em Crítica Cultural, conjuntamente às leituras pessoais sobre artesanato e escritas feministas.

Estas leituras pares ampliaram o desejo de pesquisar sobre esta temática e, assim sendo, oportunizar visibilidade às mulheres fuxiqueiras, do Mercado do Artesão alagoinhense.

A relevância de realizar pesquisa desta natureza se justifica por se considerar que o artesanato persiste delegado à atividade menor, e, em sendo realizado por mulheres, desviam e desobedecem ao conceito remoto de que mulheres não negociam, ou empreendem, ou não podem ser autônomas financeiramente, conceitos crivados pelo capitalismo patriarcal. Assim, será possível aprofundar os conhecimentos acerca destas mulheres fuxiqueiras, alagoinhenses, que laboram com retalhos e linhas como forma de conquistar autonomia econômica e, ao mesmo tempo, referenciar o artesanato fuxiqueiro como ferramenta para a desconstrução da face patriarcal do capitalismo.

Sendo assim, a presente pesquisa pode vir a contribuir para que as mulheres fuxiqueiras, no Mercado do Artesão, no município de Alagoinhas-BA, que fazem do ofício de entremear linhas e retalhos um continuísmo histórico, cultural, identitário, e, possivelmente, de autonomia financeira e insubmissão possam perpetuá-los.

Ao considerar a possibilidade que as ideias patriarcais capitalistas consolidadas perpetuam dependência socioeconômica e descrédito ao labor artesanal fuxiqueiro, feminino, alagoinhenses, no espaço Mercado do Artesão, este trabalho de pesquisa levanta os seguintes questionamentos: O trabalho artesanal das mulheres fuxiqueiras no Mercado do Artesão, no município de Alagoinhas (BA), é uma performance que possibilita autonomia financeira? De que forma as tramas e processos femininos, que originam o fuxico, podem construir atos insubmissos ao capitalismo patriarcal?

O artesanato é uma das atividades humanas mais antigas. Desde a Pré-História (neolítico), o homem manipula, com a as mãos, a matéria-prima encontrada na natureza gerando novos objetos para satisfazer necessidades primárias. Assim, foram surgindo objetos para serem utilizados nas diversas atividades, onde as peças artesanais eram utilizadas como utensílios ou decoração (SILVA, 2006). Ao longo da história da humanidade, a sociedade passou por várias mudanças e, portanto, do mesmo modo, o artesanato.

Segundo Cunha (2005), na Grécia, o artesanato teve a sua importância reconhecida por meio da transmissão de habilidades e conhecimento dos demiurgos (primeira denominação para artífice) até ser vista de modo negativo, devido à desvalorização em uma sociedade de castas com aqueles que laboravam com esta atividade.

Inicialmente, na Idade Média, o artesanato migrou para os mosteiros, sendo muito valorizada, pois para o Clero o ócio era algo a ser banido, por representar a fonte dos vícios. Desta forma, nos mosteiros, eram ensinadas atividades liberais e mecânicas.

Segundo Mota (2012), o declínio do feudalismo e a migração da população para as cidades favoreceram aos artesãos viverem do seu próprio trabalho em detrimento da agricultura, possibilitando o surgimento de pequenos negócios e, posteriormente, das Corporações de Ofício.

Segue-se o Absolutismo e a expansão burguesa e, conseqüentemente, a Revolução Industrial, que imprime à vida dos artesãos intensas modificações em relação à execução das suas atividades. O processo da Revolução Industrial traz a divisão do trabalho, onde cada atividade do processo produtivo é exercida por uma pessoa diferente que não precisa de expertise para fazê-la (HUBERMAN, 1981).

No Brasil, então colônia portuguesa, o artesanato encontra um contexto diferente do europeu, acima, sumariamente descrito, pois a atividade artesanal era relacionada a escravos e índios, fazendo com que, posteriormente, houvesse um desinteresse das pessoas em serem artesãos devido à ligação dessas atividades com os estratos sociais menores e conseqüentemente, um abandono do ofício assim que outra forma de gerar renda era encontrada (CUNHA, 2005), o que promoveu a extinção das Corporações de Ofício no século XIX.

No contexto brasileiro, em 1808, a família real portuguesa desembarca em nossas terras. O contato com a corte trouxe mudanças nos costumes locais e conseqüentemente no desenvolvimento de atividades manuais, como bordados e rendas, que davam glamour ao artesanato local. As mulheres brasileiras se inspiravam nos trabalhos manuais trazidos da Europa, mas davam um toque “tropical”, com a utilização de matérias-primas locais, principalmente os fios de algodão e acrescentando muitas cores.

O fuxico teria surgido nos tempos coloniais, no nordeste brasileiro, pela necessidade que as escravas tinham em reaproveitar os retalhos dos tecidos das Senhoras, já que na época, tecido era artefato de luxo, geralmente finos, vinham já confeccionados da Europa, em navios. A corte doava aos escravos as roupas velhas. As escravas cortavam os tecidos e faziam trouxinhas usando como agulha pequenos pedaços de bambu que eram afiados a faca, ou espinhos de mandacaru. Como linha elas utilizavam fibras naturais que retiravam das plantas da mata. Essas escravas se reuniam à noite na Senzala para fazerem as trouxinhas, enquanto falavam das vestes das senhoras, elogiando ou debochando delas, por isso o nome de “mexerico”, “cochicho”, conhecido posteriormente como “Fuxico”, que se popularizou dentro do universo do *patchwork* (mundo do retalho) no início do século XX.

Desta forma, foram as escravas as primeiras mulheres fuxiqueiras que, para além, do “deboche” e da “zombaria” para com as senhoras, sinalizavam a insubmissão à perversa condição na qual encontravam-se. O não silenciamento ao fazer o fuxico já demonstrava um momento de aglutinação feminina para pontuar e/ou tecer comentários e quiçá elaborar uma rede de fortalecimento.

Atualmente, no espaço do Mercado do Artesão alagoinhense, quem são as fuxiqueiras? As tramas por elas conduzidas insurgem-se contra o patriarcalismo capital?

Para que o sistema capitalista permaneça existindo, Marx (2014) explica que os meios de produção devem ser reproduzidos, assim como a força de trabalho. Além da reprodução da força de trabalho, é, também, por meio do exército industrial de reserva (EIR) gerado que o capitalista consegue explorar o trabalhador fazendo com que sejam aceitas as condições por ele determinadas (MARX, 1996). Para Marini (2012), o exército industrial de reserva ou exército de reserva do trabalho é formado por aqueles trabalhadores que não são incorporados à produção, seja de forma permanente ou temporária, por estarem desempregados ou em situação de subemprego. Notório o fato de que este contingente desempregado, muitas vezes, refugia-se em outras atividades informais, autônomas, temporárias, ou não, inserindo-se, portanto, no universo artesanal.

Em 1991, surge o Programa de Artesanato Brasileiro (PAB), um novo programa de artesanato vinculado ao Ministério da Ação Social, o que pode denotar um caráter assistencialista dado ao artesanato. O PAB tem como objetivo “coordenar e desenvolver atividades que visem valorizar o artesão brasileiro, elevando o seu nível cultural, profissional, social e econômico, bem como desenvolver e promover o artesanato e a empresa artesanal” (BRASIL, 1991).

Em nossas investigações pretendemos destacar as relações sociais, políticas e econômicas das fuxiqueiras ao longo da cadeia do produto. Uma cadeia específica para um produto de valor específico (o fuxico) que consideramos conjugar diversos valores: social, cultural, econômico, afetivo e político.

Portanto possuímos como objetivo geral identificar quem são as mulheres fuxiqueiras no Mercado do Artesão no município de Alagoinhas-BA, e as dobras do trabalho artesanal fuxiqueiro enquanto indícios de autonomia e insubmissão ao capital patriarcal. Os específicos arrolam-se em mapear quem são as mulheres fuxiqueiras no Mercado do Artesão, em Alagoinhas-BA; identificar quais são os processos e tramas construídos no âmbito deste trabalho artesanal; investigar se estes processos e tramas possuem caráter de insubmissão ao capital patriarcal e relacionar trabalho artesanal fuxiqueiro e feminismo.

O percurso metodológico escolhido para subsidiar o presente trabalho é a pesquisa qualitativa, uma vez que serão investigados valores, atitudes e percepções. Além de referenciais teóricos bibliográficos, será feita uma pesquisa de campo (*in loco*), através de estudo de caso, pelos instrumentos da observação direta e da entrevista a fim de constatar como se constrói toda a trama fuxiqueira, permitindo, assim, o aprofundamento da compreensão e entendimento do caso posto.

Utilizaremos a entrevista narrativa como estratégia metodológica com o fulcro de priorizar e privilegiar a fala de mulheres fuxiqueiras, que sofrem com o continuísmo dos processos político\econômicos desiguais e desleais, discriminatórios e sexistas do capitalismo em nosso país e, conseqüentemente, em nossa cidade.

O corpus da pesquisa também trará, através de entrevistas, a palavra dos representantes legais dos Órgãos Públicos do nosso município correlatos à temática posta (a exemplos da Prefeitura Municipal de Alagoinhas, da Direção Administrativa do Mercado do Artesão, da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Da Secretaria Municipal de Cultura, Conselho Municipal de Cultura, do SEBRAE, dentre outros), a fim de coletarmos dados teóricos e estatísticos.

Para fazer o recorte metodológico crítico cultural, utilizar-se-á também o aporte teórico de autores como Agamben (2009), para dar ciência do caráter contemporâneo do trabalho de pesquisa; de Mignolo (2008) para pontuar o perfil desobediente do viés da temática; de Santos (2016) como ferramenta para referendar a ideia de luta desarmada dos subalternizados, além de Souza (2017) para pontuar que mulheres fuxiqueiras estão apontadas pertencentes à ralé, pela elite fascista, contudo seguem insubordinadas / insubmissas ao patriarcalismo capital. Pertinente ao traço feminista, fulcro apriorístico da nossa pesquisa, trabalharemos com as fontes de Beauvoir (2008) a fim de ratificar o entendimento de “que nada nos sujeite”, Hooks (2018) onde buscaremos fundamentos sobre luta de classes feminista, feminismo global, trabalho e gênero, Lugones (2010), pelo traço da decolonização de gêneros, Adichie (2014) a fim da reflexão sobre o que é ser feminista no século XXI e Ribeiro (2015) para basilar análises sobre a sociedade heteropatriarcal eurocentrada para tornar possível identificarmos as diversas vivências específicas das mulheres fuxiqueiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Indiscutível as variadas representações simbólicas que o artesanato ocupa ao longo da história e, principalmente, os que possuem as mulheres como artífices protagonistas do processo. Neste contexto, esperamos obter como resultado do nosso estudo a confirmação de que as fuxiqueiras alagoinhenses que ocupam o Mercado do Artesão transformam este espaço em reduto de tramas, processos e vivências fuxiqueiras feministas e possibilitam outros modos de ver/perceber este labor

e este espaço, afim de que estas artesãs fomentem, para além da economia local e municipal, atos desobedientes e de enfrentamento às mazelas patriarcais.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Companhia das Letras, 2014. São Paulo.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Edição 1ª; Nova Fronteira, São Paulo, 2008

BRASIL. Secretaria Especial de Micro e Pequenas Empresas. *Programa de artesanato brasileiro*. Disponível em: <<http://smpe.gov.br/assuntos/programa-do-artesanato-brasileiro>>. Acesso em 26 agosto. 2019

_____. *Decreto sem número de 21 de março de 1991*. Institui o Programa de Artesanato Brasileiro e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/DNN/Anterior%20a%202000/1991/Dnn63.htm#art5>. Acesso em 29 julho 2015.

_____. *Lei n. 13.180 de 22 de outubro de 2015a*. Dispõe sobre a profissão de artesão e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13180.htm>. Acesso em 10 setembro. 2019.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. *Base conceitual do artesanato brasileiro*. Brasília: 2012.

CUNHA, Luiz Antonio. Introdução In: CUNHA, Luiz Antonio. *O ensino de ofícios artesanais e manufactureiros no Brasil escravocrata* (online). 2 ed. São Paulo: Scielo – Editora UNE, Brasília – DF:FLACSO, 2005. Livro digital.

_____. O (des)valor do trabalho manual.. In:CUNHA, Luiz Antonio. *O ensino de ofícios artesanais e manufactureiros no Brasil escravocrata* (online). 2 ed. São Paulo: Scielo – Editora UNE, Brasília – DF:FLACSO, 2005. Livro digital.

HOOKS, Bell. *O Feminismo é Para Todo Mundo: Políticas Arrebatadoras*. 1ª edição. Rosa dos Tempos, 2018.

HUBERMAN, LEO. *História da riqueza do homem*. 16 ed. [s.l]:Zahar, 1981.

MARINI, Ruy Mauro. O ciclo do capital na economia dependente. In: FERREIRA, Carla; OSORIO, Jaime; LUCE, Mathias. *Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência*. São Paulo, SP: Boitempo, 2012.

MOTA, Ana Elizabete; AMARAL, Ângela Santana; PERUZZO, Juliane Feix. O novo desenvolvimentismo e as políticas sociais na América Latina. In: MOTA, Ana Elizabete (org.). *Desenvolvimentismo e construção da hegemonia: crescimento econômico e reprodução da desigualdade*. São Paulo: Cortez, 2012.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro I*. 32 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2014.

MINGNOLO, Walter D. *Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política*. In: Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 287-324, 2008. Disponível em <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf>.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de Fala*. Polen Livros, São Paulo, 2019.

SANTOS, Osmar Moreia. *A Luta Desarmada dos Subalternos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

SOUZA, Jessé de. *A Classe Média no Espelho. Sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade*. Edição 1ª; Estação Brasil, São Paulo, 2018.

SILVA, M. A. M. *O Estado e a reprodução da força de trabalho*. Perspectivas. São Paulo, n.7, pp.1-11, 1984.